

LEXICOLOGIA, HIPERBOLISMO E ELABORAÇÃO ESTÉTICA: UMA OPÇÃO METODOLÓGICA PARA ANÁLISE DA AUTENTICIDADE DAS ASSIM-CHAMADAS CARTAS PSEUDOPAULINAS

LEXICOLOGY, HIPERBOLISM AND AESTHETIC ELABORATION: A METHODOLOGICAL OPTION FOR AUTHENTICITY CONCERNING THE SO-CALLED PSEUDO-PAULINE EPISTLE

*Adenilton Tavares de Aguiar*¹

RESUMO

Este Artigo desenvolve uma breve análise a respeito do estilo literário do apóstolo Paulo. Tal estilo é marcado por uma linguagem enfática e uma estrutura literária que perpassa praticamente todo o *corpus* paulino. Busca, ainda, mostrar que a teoria dos campos lexicais se apresenta como um paradigma viável para uma comparação entre as chamadas cartas autênticas e as assim-chamadas cartas pseudopaulinas. O artigo não pretende entrar diretamente na discussão se determinada carta é ou não paulina, mas apenas apresentar que este é um debate permanente na academia, o qual requer nossa atenção, e busca demonstrar que a indissociabilidade entre língua, literatura, cultura e sociedade faz da lexicologia uma ferramenta importante à exegese das epístolas paulinas. **PALAVRAS-CHAVE:** Exegese bíblica; Estudos Paulinos; Autenticidade; Hipérboles

ABSTRACT

This Paper develops a brief analysis about the apostle Paul's literary style. This style is marked by an emphatic language and a literary structure that permeates virtually all the Pauline corpus. It also seeks showing that the theory of lexical fields is a viable paradigm for a comparison between the authentic letters and the so-called pseudo-

¹ Mestre em Ciências da Religião. Bacharel em Teologia. Professor de Línguas Bíblicas e Novo Testamento no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia, sede regional IAENE (Instituto Adventista de Ensino do Nordeste). E-mail: adeniltonaguiar@gmail.com

pauline ones. The Paper does not intend directly entering the discussion whether a letter is or is not Pauline, but only demonstrating that this is an ongoing debate in the Academy, which requires our attention. It aims at showing that the inseparability among language, literature, culture and society makes lexicology an important tool for the Pauline Epistles exegesis.

KEYWORDS: Biblical Exegesis, Pauline Studies; Authenticity; Hyperbole

Introdução

Bem observou Bourdieu (1996, p. 133) que “as produções simbólicas devem suas propriedades mais específicas às condições sociais de sua produção e, mais precisamente, à posição do produtor no campo de produção”. De fato, conforme se pode apreender dessa fala, não se pode dissociar língua de sociedade, uma vez que ela é também produção simbólica. As condições sociais em que o discurso é formado interferem diretamente na maneira como determinado ouvinte apreende o capital linguístico. Bakhtin (1997, p. 111) já havia chamado a atenção para este fenômeno ao afirmar que

o ato de fala, ou, mais exatamente, seu produto, a enunciação, não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo; não pode ser explicado a partir das condições psicofisiológicas do sujeito falante. A enunciação é de natureza social.

Tendo em vista que o discurso é formado por frases organizadas a partir das palavras de uma língua, a palavra assume um papel importante nesta efervescência de ideias, o que explica o recrudescimento da lexicologia dentro do universo acadêmico – embora seja uma ciência recente, o estudo das palavras é tão antigo quanto a Grécia clássica.

Sendo “a língua uma estrutura onde as palavras formam sistemas relacionais entre si”, como salientou Abbade (2011, p. 1332), o estudo desses sistemas relacionais, os quais chamamos de campos

lexicais, abre espaço para o levantamento de um léxico específico e, por conseguinte, para aspectos específicos de um grupo social. Desse modo, a teoria dos campos lexicais torna-se uma ferramenta a qual poderíamos considerar não apenas útil, mas indispensável à hermenêutica bíblica.

Em seu artigo *Perspectivas Linguísticas Sobre a Noção de Estilo*, Coutinho (2012) destaca que “qualquer produção linguística fica marcada em termos de estilo”. Assim, os campos lexicais podem ser reveladores das marcas estilísticas do autor, as quais, segundo Louw (1992), podem nos ajudar a distinguir o texto de um autor do de outro autor. Nesse sentido, conhecer os sistemas lexicais específicos presentes no tradicionalmente reconhecido *corpus* de Paulo pode corroborar para as discussões de autenticidade de suas cartas.

1.As cartas de Paulo

Para início de discussão, vale ressaltar que alguns autores tentaram estabelecer uma distinção entre carta e epístola. Cothenet (1999, p. 18), por exemplo, afirma que a carta tem um cunho mais pessoal, mais subjetivo, e pretende apenas informar, dar notícias. A epístola, por sua vez, é uma obra literária em prosa ou em verso e, por essa razão, tende a ser mais elaborada. Por este viés, Filemom seria um exemplo de carta pessoal, enquanto Romanos seria uma verdadeira epístola. Se bem que criativa essa divisão, o próprio autor reconhece que ela não é tão simples assim. É preferível dizer que tal distinção não é aplicável aos escritos paulinos, visto que se a adotássemos, possivelmente apenas Filemom preencheria os requisitos de uma carta pessoal.

Foi Adolf Von Harnack, teólogo alemão, que propôs a teoria segundo a qual as epístolas de Paulo foram reunidas em algum momento e colocadas numa coleção. Diversos estudiosos apresentaram teorias alternativas sobre como as cartas de Paulo foram agrupadas, bem como assumiram posições diferentes

a respeito da autenticidade das mesmas (POLHILL, 1999, p. 129)². Ferdinand Christian Baur, líder da Escola de Teologia de Tübingen, foi

quem primeiramente propôs dividir as epístolas paulinas entre as homologoumena (“aceitas”), as antilegomena (“disputadas”) e as notha (“espúrias”). Aquele rigoroso estudioso colocou Romanos, 1 e 2 Coríntios e Gálatas no primeiro grupo; Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 e 2 Tessalonicenses e Filemon, no segundo; e Tito, 1 e 2 Timóteo, no terceiro. (AGUIAR, 2012, p. 18)

Uma posição mais consensual, porém, é a que coloca Romanos, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses, 1 Tessalonicenses e Filemon no grupo das *homologoumena*³, formando um *corpus* de sete cartas, e Efésios, Colossenses, 2 Tessalonicenses e as assim-chamadas epístolas pastorais no grupo das *pseudopaulinas* (LINCOLN, 2002; FABRIS, 1999). Goulder (1997, p. 515) concorda com esta divisão, não obstante observa que, tradicionalmente, o *corpus* paulino compreendeu um grupo de catorze cartas, incluindo Hebreus⁴, embora a autenticidade deste último livro seja quase universalmente rejeitada. O fato é que, conforme afirma Polhill (1999, p. 130), “pela última metade do segundo século, a coleção de treze epístolas paulinas foi largamente utilizada em todos os ramos da igreja cristã, do oriente e do ocidente”, e, portanto, podemos falar não de um *corpus* paulino, mas dos *corpora* paulinos, i.e., as *homologoumena*, com sete cartas cuja autenticidade é largamente defendida na academia, e as *pseudopaulinas* ou *antilegomena*⁵,

² As fontes oriundas da língua inglesa e da língua espanhola foram traduzidas pelo autor.

³ O termo é oriundo da língua grega, e pode significar “aquelas com as quais se concorda” ou “aquelas que estão de acordo”.

⁴ Eruditos contemporâneos chegaram à conclusão de que o livro de Hebreus não atende às características do gênero carta, mas de uma homilia. Ademais, quase unanimemente, acredita-se que Paulo não é o autor deste livro bíblico. Para uma discussão mais detalhada do assunto, conferir AGUIAR, A. T. et al. A autoria de Hebreus: uma breve incursão por vinte séculos de debate. In: **Hermenêutica**, Cachoeira, v. 11, n. 01, p. 113-130, 2011.

⁵ O termo é oriundo da língua grega, e pode significar “aquelas que são disputadas” ou “aquelas contra quem se fala”. *Protopaulinas* e *deuteropaulinas* são outros nomes

com seis cartas, cuja autenticidade é amplamente disputada. As razões apresentadas para a rejeição da autenticidade dessas cartas envolvem múltiplos aspectos, os quais vão desde o conteúdo à dimensão estilística, envolvendo a escolha de determinadas palavras em detrimento de outras e a consequente elaboração estética como resultado dessas escolhas. Esse último *corpus* e as questões linguísticas a ele relacionadas são o objeto de estudo deste trabalho.

O fenômeno da pseudoepigrafia é algo que se pode inferir do próprio *corpus* tradicional paulino. Na Segunda Carta aos Tessalonicenses, encontramos a seguinte recomendação:

Irmãos, no que diz respeito à vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e à nossa reunião com ele, nós vos exortamos a que não vos demovais da vossa mente, com facilidade, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola, *como se procedesse de nós* (grifos acrescentados), supondo tenha chegado o Dia do Senhor. (2 Ts 2,1-2)

Se Paulo é o autor dessa carta, fica clara a noção de que ele tinha consciência de que havia em circulação textos que alegavam ser de sua autoria. De fato, a teoria quanto ao processo de escrever cartas era algo que se apreendia nas escolas da Grécia antiga. Os estudantes eram treinados a escrever cartas imaginárias entre escritores famosos ou personagens da literatura. Por essa razão, não se pode afirmar com precisão a autenticidade de determinada carta antiga, tendo em vista que ela pode, simplesmente, ser fruto de um exercício acadêmico, o que tornava a pseudoepigrafia um fenômeno comum no mundo antigo.

usados no lugar de *homologoumena* e *pseudopaulinas/antilegomena*, respectivamente. Cf. PICCARDO (2006, v. 03, p. 12).

2.A carta aos efésios

Lincoln (2002, p. lxxv) apresenta como um dos argumentos contra a autenticidade da carta aos efésios o fato de que ela “exibe diferenças de linguagem e de estilo significativas em relação às cartas paulinas não disputadas”. Esse autor alega que os quarenta *hapax legomena*⁶ e as cinquenta e uma palavras que não aparecem nas *homologoumena* pesam contra a autenticidade de Efésios. Lincoln (2002, op. cit.) acrescenta que “foi-se a argumentação direta e incisiva das cartas anteriores”, e afirma que “isto foi substituído por um estilo pesado e pleonástico”, marcado pela frequente acumulação de sinônimos e repetição de determinadas frases. O reconhecimento de um estilo pleonástico da carta aos efésios afigura-se intrigante tendo em vista o fato de que estudos recentes têm demonstrado que as *homologoumena* apresentam essa característica (AGUIAR, 2012).

Conforme observou Best (1998, p. 28), embora os “*hapax legomena* sejam frequentemente tomados em consideração como uma ajuda para determinar autoria, raramente eles são um bom guia tendo em vista que o tópico discutido afeta a escolha das palavras”. Se, por um lado, as diferenças estilísticas entre Efésios e as *homologoumena* apontadas por Lincoln e Best sejam usadas como argumento contra a autenticidade de Efésios, reforçando a ideia de um texto pseudoepígrafo, por outro, a observação de que a repetição é uma característica sua marcante convida-nos a dispensar mais atenção a esse fenômeno. Ademais, conforme destacou Nichol (2002, p. 182) “Ernest Percy [...] demonstrou, por um extenso estudo de Efésios comparado a outras epístolas paulinas, que, em linguagem, estilo e particularmente em conceitos teológicos, ela está em acordo com as outras cartas”. Esse erudito acrescenta que, com base em motivos puramente críticos, “a evidência de sua autenticidade é mais forte do que os

⁶ Expressão grega, plural de *hapax legomenon*, que significa “aquilo que foi mencionado apenas uma vez”.

argumentos que podem ser levantados contra ela”.

Desse modo, a teoria dos campos lexicais poderia vir em defesa da genuinidade da epístola aos efésios, abordando a redundância, o pleonasma e as hipérboles como, por assim dizer, um *topos* linguístico frequentemente visitado por Paulo e um fator estético amplamente reconhecido na academia. As diferenças de linguagem poderiam ser explicadas por fatores históricos, geográficos e sociais, tendo em vista que língua, cultura e sociedade são elementos indissociáveis.

3.A carta aos colossenses

O problema da autenticidade da epístola aos colossenses é resumido por James Dunn (1996, p. 35) nos seguintes termos: “o fato é que ponto após ponto na carta o comentarista é confrontado com traços característicos de fluxo de pensamento e técnica retórica que são consistentemente e marcadamente diferentes daqueles das paulinas não disputadas”. Entretanto, Dunn reconhece que o estilo de Paulo pode ter mudado ao longo dos anos, admitindo virtualmente a autenticidade dessa carta. De fato, conforme assume O’Brien (2002, p. xli), “a tradição de que Colossenses é uma genuína epístola paulina sustenta-se sobre um bom terreno” – o testemunho de Pais da Igreja tais como Irineu, Tertuliano e Clemente de Alexandria. Segundo O’Brien, somente na primeira metade do século XIX é que se apresentou uma rejeição significativa da genuinidade dessa epístola. Tal rejeição se fundamenta em argumentos linguísticos e teológicos. Os argumentos linguísticos são sintetizados pelo autor nas seguintes palavras:

Ao todo, há trinta e quatro palavras que aparecem em Colossenses e em nenhum outro lugar do Novo Testamento; vinte e oito palavras que reaparecem no Novo Testamento, mas não nas outras epístolas paulinas (sem levar em consideração 2 Tessalonicenses e as Pastorais); dez palavras que Colossenses tem em comum apenas com Efésios e mais quinze palavras que aparecem em Colossenses e em Efésios, bem como no resto do

Novo Testamento, mas não em outras epístolas paulinas. (op. cit., p. xlii).

A crítica que pode ser feita a este tipo de análise é que os dados parecem ser insuficientes e inadequados às conclusões a que se chega a partir deles. A propósito, ao que parece, O'Brien faz conclusões a partir de dados linguísticos, porém sem abordar nenhuma teoria linguística.

O'Brien constata que alguns estudiosos perceberam que o uso de palavras compostas em Colossenses deve ser considerado similar ao uso de palavras compostas em outras epístolas paulinas (e.g., *antanaplēroō/preencher totalmente*, 1:24). De fato, a ocorrência de verbos duplamente compostos⁷ é um fenômeno comum no universo linguístico de Paulo, e raro nos demais escritos do Novo Testamento. Ademais, reconhece O'Brien (2002, p. xliii), “deve-se lembrar que *hapax legomena* e outras expressões incomuns aparecem em números consideráveis nas outras cartas paulinas. Gálatas, por exemplo, tem trinta e uma palavras que não aparecem em nem um outro lugar do Novo Testamento”. Acrescente-se, ainda, o fato de que a repetição de ideias, através do uso expressivo de sinônimos, é uma característica visível na carta, assim como é na carta aos efésios.

4.A segunda carta aos tessalonicenses

Murphy O'Connor (2000, p. 123), professor de Novo Testamento na *École Biblique et Archéologique Française*, em Jerusalém, informa-nos que

enquanto a autenticidade de 1 Tessalonicenses é aceita sem objeção, a de 2 Tessalonicenses ainda é assunto de debate. Para um número significativo de biblistas quem a escreveu não foi Paulo e sim um de seus seguidores, quase no final do I século.

⁷ E.g., o verbo *antanaplēroō* é formado pelas preposições *anti* + *ana* + o verbo *plēroō*.

O'Connor explica que a afirmação a respeito da ilegitimidade de 2 Tessalonicenses é sustentada a partir da alegação de que a carta apresenta estilo e vocabulário que destoam de 1 Tessalonicenses. Entretanto, segundo ele, isso ocorre de maneira exageradamente seletiva, o que prejudica a conclusão. Ele chega a dizer que “os argumentos contra a autenticidade de 2 Tessalonicenses são tão fracos que é preferível aceitar a atribuição tradicional da carta a Paulo” (op. cit., p. 124). De fato, ele assume sua opinião de que ela é uma carta autêntica ao afirmar que “o próprio Paulo advertiu os tessalonicenses sobre a possibilidade de haver cartas forjadas como se procedessem dele (2 Ts 2,2) e insistiu que verificassem a autenticidade de sua assinatura (2 Ts 3,17)” (op. cit., p. 360).

Utlely (1997, p. 73) apresenta quatro razões para a rejeição da autenticidade da segunda carta aos tessalonicenses. Duas delas estão relacionadas com o estilo. Ele afirma que 1) a carta contém muitas palavras não encontradas nas outras epístolas paulinas e 2) o estilo é estereotipado e, às vezes, curiosamente formal.

Não obstante, conforme observou Weatherly (1996), há um consenso geral de que Paulo muda o estilo em cada carta. Esse autor acrescenta que as diferenças estilísticas podem ser explicadas pelas diferenças de circunstâncias. Esse fenômeno é perfeitamente previsível tendo em vista que a linguagem deve ser concebida como mediação necessária entre o homem e a realidade social, levando em conta o homem na sua história e considerando os processos e as condições de produção da linguagem (ORLANDI, 2005).

Observa-se que a discussão a respeito da autenticidade ou ilegitimidade da segunda carta aos tessalonicenses gira em torno do léxico. A questão é que, via de regra, o léxico é trazido à tona sem que se use uma teoria adequada à abordagem, e, nesses casos, os resultados podem-se demonstrar não apenas incongruentes, mas também desastrosos.

5.As cartas pastorais

Ao analisar as assim-chamadas cartas pastorais, i. e., 1 e 2 Timóteo e Tito, mais uma vez as discussões de autenticidade passam pelo viés da diferença de linguagem e estilo literário em relação ao *corpus* paulino. Aliás, conforme expressou Mounce (2002), para muitos eruditos, as questões relacionadas com a diferença de linguagem são a principal razão para fomentar a dúvida quanto à legitimidade desse grupo de cartas.

Um dos maiores expoentes dessa abordagem é Percy Neale Harrison, a qual ele expôs em sua obra *The Problem of the Pastoral Epistles*. Os problemas apontados por Harrison são resumidos por Knight (1992, p. 41) nas seguintes palavras:

As diferentes variáveis que Harrison propôs [...] devem ser consideradas em termos específicos. O argumento de Harrison estava baseado em quatro diferentes grupos de dados: os *hapaxes*; outras palavras não paulinas encontradas nas epístolas pastorais e compartilhadas com outros escritos do Novo Testamento; palavras ou frases paulinas ausentes nas epístolas pastorais e diferenças gramaticais e estilísticas entre as epístolas pastorais e as paulinas. Harrison concluiu que as diferenças entre as pastorais e as paulinas eram tais que não podiam ser do mesmo autor. Ele então comparou a evidência linguística das pastorais com a literatura do segundo século, e concluiu que as pastorais foram escritas nesse tempo.

De fato, Harrison não apenas concluiu que as pastorais foram escritas no segundo século, mas o próprio vocabulário pertence ao segundo século. Knight (op. cit., 41) continua sua síntese sobre os trabalhos de Harrison informando-nos que ele

demonstrou matematicamente que o número de *hapaxes* nas outras dez paulinas variam entre 3.3 e 6.2 por página e nas pastorais eles vão de 12.9 a 16.1, perfazendo um total de 175 hapaxes nas pastorais. Harrison alega que a diferença é inconcebível para uma mente. Ademais, há 131 palavras que ocorrem nas pastorais

e em outros livros do Novo Testamento, mas não nas outras paulinas. Portanto, há 306 palavras nas pastorais as quais não são encontradas nas outras paulinas.

Knight explica que esses dados levaram Harrison à conclusão de que Paulo não poderia ser o autor das pastorais, tendo em vista que, se o fosse, certamente essas palavras peculiares a este grupo de cartas teriam de aparecer nas outras dez paulinas. Knight reage a esse posicionamento de Harrison, questionando se essas palavras sobressalentes seriam, de fato, tão incomuns de modo que Paulo não as conhecesse. Ele argumenta que “se 131 são usadas por seus contemporâneos cristãos, os outros escritores do Novo Testamento, todos ou quase todos com quem Paulo teve contato, não seria provável que Paulo tivesse conhecido estas palavras também?” (KNIGHT, 1992, p. 42). Ele acrescenta que cerca de oitenta *hapaxes* ocorrem na Septuaginta e que, por conseguinte, eram palavras conhecidas de Paulo. Destarte, Knight conclui que tais fatos “servem como uma adequada, senão completa refutação ao argumento de Harrison de que o vocabulário é do segundo século”. E não apenas isso, “uma vez que os diversos *hapaxes* são cognatos das palavras paulinas e outros tantos são palavras compostas que têm analogias em outras epístolas paulinas, a conclusão lógica é que elas apontam para Paulo como o autor, e não o contrário”. Ele conclui que é de se esperar que “Paulo use mais palavras novas quando escreve para seus colegas (em contraste às cartas anteriores enviadas às igrejas) sobre novos assuntos, e que os vários fatores listados acima contribuem para o uso de um grande número de novas palavras”. (op. cit., p. 42-43).

6.Linguagem hiperbólica e elaboração estética: o estilo de Paulo

Diversos estudiosos perceberam a tendência de Paulo para uma linguagem hiperbólica. O uso frequente que ele faz de verbos compostos, advérbios de intensidade, hipérboles, redundâncias, pleonasmos, sinônimos, repetição de palavras e frases, verbos de autoexaltação, revela uma elaboração textual que marca o seu estilo.

Por outro lado, a estrutura fixa de suas cartas, sobretudo as *homologoumena*, revela uma riqueza estética a qual pode ser usada como parâmetro para o estudo das assim-chamadas *antilegomena* ou pseudopaulinas. Tal estrutura consiste em uma abertura, contendo remetente, destinatário e saudação; uma ação de graças, geralmente introduzida pelo verbo *eucharistō/dar graças*; o corpo ou *narratio*; uma parênese, geralmente iniciada pelo verbo *parakalō/exortar* e, finalmente, uma despedida e fórmula final. Um exemplo da forma de uma típica carta paulina é oferecido no quadro abaixo, tendo como parâmetro a primeira carta aos coríntios.

ABERTURA	Remetente: Paulo, chamado pela vontade de Deus para ser apóstolo de Jesus Cristo, e o irmão Sóstenes (1Co 1:1 ARA ¹)
	Destinatário: à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos, com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso (1Co 1:2 ARA)
	Saudação: graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo. (1Co 1:3 ARA)
AÇÃO DE GRAÇAS	Sempre dou graças (<i>eucharistō</i>) a meu Deus a vosso respeito, a propósito da sua graça, que vos foi dada em Cristo Jesus (1Co 1:4 ARA)
CORPO OU NARRATIO	1:5 – 16:22
PARÊNESE	Admoesto-vos (<i>parakalō</i>), portanto, a que sejais meus imitadores. (1Co 4:16 ARA)
DESPEDIDA E FÓRMULA FINAL	A graça do Senhor Jesus seja convosco. O meu amor seja com todos vós, em Cristo Jesus. (1Co 16:23-24 ARA).

FONTE: O AUTOR

Em síntese, são essas características acima, em conjunto, as quais têm sido abordadas por diversos estudiosos do Novo Testamento a fim de argumentar contra ou a favor da genuinidade de determinadas cartas, i.e., o estilo hiperbólico e a elaboração estética. Entretanto, em geral, verifica-se que os dados linguísticos são analisados aleatoriamente, no sentido de que o tratamento desses dados não se dá a partir de uma teoria linguística.

Considerações Finais

Percebe-se que a teoria dos campos lexicais afigura-se como uma abordagem adequada para lidar com a problemática apresentada acima, tendo em vista que ela pode tocar no epicentro da discussão, uma vez que a questão da autenticidade das chamadas pseudopaulinas está diretamente relacionada com o léxico adotado por Paulo, tanto em face de sua preferência pelo campo semântico do exagero quanto pela fixidez da estrutura que caracteriza suas cartas e a consequente repetição do vocabulário de cada seção nessa estrutura.

Ademais, outra vantagem de utilizar a lexicologia como opção metodológica para analisar a questão da autenticidade das pseudopaulinas é que ela leva em consideração que “língua, literatura, cultura e sociedade estão intrinsecamente relacionadas”, e que “é inegável que este imbricamento tenha maior visibilidade através do léxico” (QUEIROZ, 2011). Desse modo, a lexicologia dialoga com a arqueologia, a historiografia, a crítica literária, a crítica textual e as ciências sociais, todas ciências necessárias à exegese e hermenêutica bíblicas.

Este artigo concorda com a opinião de Dawson (1994), segundo a qual os pesquisadores da Bíblia que dedicarem tempo para tornar-se “linguistas treinados inevitavelmente produzirão trabalhos mais incisivos do que aqueles levemente treinados”. Também acredita na afirmação de Archibald Thomas Robertson⁸ de que “é tarefa e dever do estudante do Novo Testamento aplicar os resultados da pesquisa linguística ao Grego do Novo Testamento”⁹.

⁸ Robertson foi professor de Grego e Novo Testamento no *Southeastern Baptist Theological Seminary*. Sua importante gramática do grego do Novo Testamento *A Grammar of the Greek New Testament in the Light of Historical Research* [Uma gramática do grego do Novo Testamento à luz da pesquisa histórica] influenciou consideravelmente as gramáticas que vieram depois.

⁹ Citado por David Alan Black (1992)

Referências

A BÍBLIA sagrada. ed. rev. e atualizada. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1995.

ABBADE, C. M. de S. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. In: **Cadernos do CNLF**. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2011, v. 15, n. 5.

AGUIAR, A. T. **Retórica e teologia nas cartas de Paulo**: discurso, persuasão e subjetividade. Santo André: Academia Cristã, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BEST, Ernest. **A Critical and Exegetical Commentary on Ephesians**. Edinburgh: T&T Clark International, 1998.

BLACK, D. A., BARNWELL, K. G., & LEVINSOHN, S. H. **Linguistics and New Testament Interpretation**: Essays on Discourse Analysis. Nashville: Broadman Press, 1992.

BORDIEU, Pierri. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: Edusp, 1996.

COTHENET, Édouard. **Paulo**: apóstolo e escritor. São Paulo: Paulinas, 1999.

COUTINHO, Maria Antónia. **Perspectivas lingüísticas sobre a noção de estilo**. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/7172.pdf> Acesso em 26 de Jul, 2012.

DAWSON, David Allan. **Text-Linguistics and Biblical Hebrew**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1994.

DUNN, James D. G. **The Epistles to the Colossians and to Philemon**: A Commentary on the Greek Text. Grand Rapids,

Mich.; Carlisle, England: W.B. Eerdmans; Paternoster Press, 1996.

FABRIS, Rinaldo. Pablo: **El apóstol de las gentes**. Madrid: San Pablo, 1999.

GOULDER, Michael. As epístolas paulinas. In: ALTER, Robert; KERMODE, Frank (orgs). **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.

KNIGHT, George W. **The Pastoral Epistles: A Commentary on the Greek Text**. Grand Rapids, Mich.; Carlisle, England: W.B. Eerdmans; Paternoster Press, 1992.

LINCOLN, Andrew T. Ephesians. In: HUBBARD, David; BARKER, Glenn (Eds.). **Word Biblical Commentary**. Dallas: Word, 2002, v. 42.

LOUW, J. P. Reading a Text as Discourse. In: BLACK, D. A., BARNWELL, K. G., & LEVINSOHN, S. H. **Linguistics and New Testament Interpretation: Essays on Discourse Analysis**. Nashville, Tenn.: Broadman Press, 1992.

MORPHY O'CONNOR, Jeromy. **Paulo: biografia crítica**. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MOUNCE, William D. Pastoral Epistles. In: HUBBARD, David; BARKER, Glenn (Eds.). **Word Biblical Commentary**. Dallas: Word, 2002, v. 46.

NICHOL, Francis D. **The Seventh-day Adventist Bible Commentary**. Washington: Review and Herald, 1978, V. 05.

O'BRIEN, Peter T. Colossians-Philemon. In: HUBBARD, David; BARKER, Glenn (Eds.). **Word Biblical Commentary**. Dallas: Word, 2002, v. 44.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e**

procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.

PICCARDO, Horacio R. **Introducción al cuerpo epistolar del Nuevo Testamento**. Buenos Aires: Ediciones del Centro, 2006, Tomo 1.

POLHILL, John B. **Paul and His Letters**. Nashville: Broadman & Holman, 1999.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. Sexo e linguagem: um estudo sobre o vocabulário da sexualidade em *Terras do Sem Fim*, romance de Jorge Amado. In: **XIV Semana de Mobilização Científica**, UCSAL, Salvador, 2011.

UTLEY, R. J. **Paul's First Letters: Galatians and I & II Thessalonians**. Marshall: Bible Lessons International, 1997, v. 11.

WEATHERLY, Jon A. **1 & 2 Thessalonians**. Joplin: College Press Pub. Co., 1996.